

ENTREVISTA COM O PROF. DR. DAVID RODRIGUES

Amanda Costa Camizão¹

Israel Rocha Dias²

No primeiro semestre do ano de 2017, iniciamos o doutorado em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. Durante o processo fomos desafiados na disciplina de Seminário de Pesquisa III em Educação Especial e Processos Inclusivos, ministrada pelo professor Dr. Rogério Drago, a apresentar um levantamento sobre as pesquisas em Educação Especial realizadas em Portugal.

Diante disso, realizamos um vasto levantamento bibliográfico nos sítios eletrônicos das principais Universidades de Portugal a fim de saber quais eram as pesquisas realizadas sobre a Educação Especial, como elas eram desenvolvidas, considerando objetivos, sujeitos, *locus*, metodologias, bases teóricas, principais pesquisadores e os resultados.

Após o levantamento, categorizamos os dados e a partir deles pudemos perceber a grande influência que o professor Dr. David Rodrigues possui dentro da área da Educação Especial no país. Isso se apresentou como um dado relevante e, na tentativa de enriquecer a pesquisa, entramos em contato com o professor e solicitamos uma entrevista. Com o intermédio e orientação do professor Dr. Rogério Drago, fizemos o primeiro contato, nele o professor nos respondeu de forma muito solícita e se disponibilizou a responder³ às perguntas que havíamos elaborado.

Após a entrevista, vimos um potencial nos dados que produzimos, e assim organizamos o material para submissão em revista científica, pois consideramos que o que foi desenvolvido deve estar disponível para a comunidade científica a fim de colaborar com futuras pesquisas. Afinal a vasta experiência do professor Dr. David Rodrigues tem muito a colaborar com as pesquisas desenvolvidas no Brasil.

¹ Doutoranda em Educação pelo PPGE/CE/UFES. Mestre em Educação pelo PPGE/CE/UFES, na linha de Pesquisa de Diversidades e Práticas Educacionais Inclusivas. Graduada em Pedagogia. Bolsista CAPES.

² Doutorando em Educação pelo PPGE/CE/UFES. Mestre em Educação pelo PPGE/CE/UFES, na linha de Pesquisa de Diversidades e Práticas Educacionais Inclusivas. Graduado em Pedagogia. Bolsista CAPES.

³ A entrevista foi realizada em junho/2017 via Skype.

Entrevista

Amanda e Israel: Ouvimos de muitos pesquisadores aqui no Brasil que a educação especial ainda está engatinhando em diversos fatores. Diante disso, como o senhor percebe a evolução da Educação Especial em Portugal?

David Rodrigues: Antes de mais, eu gostaria de dizer que Portugal é um país de referência ao nível mundial sobre educação inclusiva. 98,5% dos alunos em condição de deficiência são educados em escolas regulares. Isto constitui uma das porcentagens mais elevadas do mundo, constituindo uma referência ao nível de inclusão educativa. Como é que se consegue esse número de 98,5% de crianças com condições de deficiência na escola regular? Bom, antes de mais, com o desenvolvimento e fortalecimento da escola pública. A escola pública em Portugal fez um importante percurso para se tornar uma instituição forte. Mas... forte em que sentido? A escolaridade obrigatória em Portugal é de 12 anos. Nenhum aluno sai da escola antes de fazer 18 anos. Outro aspecto muito importante é que todas as nossas escolas públicas funcionam em tempo integral: desde a pré-escola até ao ensino médio. Um terceiro aspecto a considerar é que existem em Portugal mais de 7.000 professores de Educação Especial que fazem parte dos quadros de professores das escolas. Estes professores apoiam a escolarização e a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais. E esse conceito de necessidades educativas especiais (criado no Reino Unido em 1979) é muito importante porque diferencia o que é deficiência e o que são necessidades educativas, dizendo que nem todas as pessoas que têm deficiência têm necessidades educativas e nem todas as necessidades educativas são derivadas da deficiência. Importante que, em 1991, Portugal adotou uma legislação que faz essa diferença entre o que é necessidade educativa e deficiência. Em 1997 publica-se a primeira legislação sobre inclusão, derivada, obviamente, da Declaração de Salamanca de 1994, que fala claramente que as escolas portuguesas adotam uma política de inclusão. Em síntese, as escolas especiais foram convertidas em *Centros de Recursos para a Inclusão*, que vão às escolas desenvolver os serviços de apoio (terapias e outros) de que a escola necessita para desempenhar a sua função de educar juntos todos os alunos. E outra questão: essa legislação criou também o que se chama *Unidades de Apoio à Deficiência*, que são pequenas unidades que funcionam junto às

escolas regulares onde estão os alunos que têm casos mais graves. Temos casos graves de autismo, casos graves de deficiência intelectual. E estas Unidades têm dois professores em cada uma das Unidades, que têm seis alunos, no máximo seis alunos, e obrigatoriamente dois professores para trabalharem com estes alunos. Muito breve, certamente no início de 2018, esta legislação irá sofrer uma grande revisão, que pensamos pode levar ainda mais adiante no desenvolvimento de políticas inclusivas, nomeadamente em se criar serviços de apoio para todos os alunos da escola e ainda reduzir o impacto de currículos específicos fazendo com que todos os alunos usem um currículo comum ainda com diversidade e flexibilidade. Estamos agora em fase de revisão dessa legislação. É mais um passo num caminho que começou em 1968, praticamente há 50 anos e, portanto, nosso sistema de inclusão já está 98,5%. E é importante notar que a inclusão não aparece do nada e esta percentagem é fruto de 50 anos de trabalho nesta área.

Talvez a maior diferença entre Portugal e Brasil seja essa força que existe entre a escola pública. No Brasil a escola pública é muito frágil, é uma escola muito vulnerável, em Portugal existem muitas escolas públicas com melhores resultados do que as escolas privadas, e, portanto, todas as crianças têm direito à escola pública com uma boa qualidade média. Uma escola pública de excelente qualidade a funcionar em regime integral é talvez a nossa arma secreta (risos) para a questão da inclusão.

Amanda e Israel: Sobre os alunos que estão nas Unidades de Apoio à Deficiência, seria um atendimento educacional especializado?

David Rodrigues: É muito diferente do atendimento numa unidade deste tipo e por exemplo uma escola especial. Por quê? Porque os alunos que frequentam estas unidades têm que estar 60% no turno regular, com seus colegas de classe. E devem estar 40% do seu tempo letivo nestas unidades. Procuramos com isto que estas unidades não se convertam num “gueto” onde se está “longe da vista e longe do coração”.

Amanda e Israel: Sabemos que, ao se trabalhar com sujeitos público-alvo da educação especial ou mesmo com necessidades educativas especiais, devemos, especialmente, entender, conhecer suas particularidades, singularidades, peculiaridades, seus limites, dentre outros. Diante disso, o senhor poderia fazer um breve relato histórico-

epistemológico da Educação Especial em Portugal? Como são vistas as etapas, os limites, as relações do sujeito com deficiência? O percurso legislativo português em termos da educação inclusiva foi acompanhado de inúmeras alterações políticas e sociais, com isso, como está a evolução das garantias legais da educação especial em Portugal?

David Rodrigues: Portugal tem tido muitos governos diferentes, nós somos presentemente um dos poucos países do mundo a ter um governo com ideologia de esquerda. Temos atualmente um governo de coligação de esquerda em que quem governa é o Partido Socialista, apoiado no parlamento pelo Partido Comunista e pelo Bloco de Esquerda. Já tivemos governos de diferentes cores ideológicas: uns mais à direita e outros mais à esquerda. Mas o mais interessante é que as políticas educativas sempre tiveram uma grande continuidade, apesar de terem enfoques diferentes, tendo uma independência relativa da ideologia dos governos. E dou um exemplo, Portugal é um dos países participantes no Pisa (Programme for International Student Assessment) da OCDE, programa em que o Brasil também participa, que procura testar os conhecimentos que um jovem domina aos 15 anos, conhecimentos de matemática, conhecimentos de língua materna e conhecimentos de resolução de problemas. Portugal, dentre os países da OCDE, é o país que mais consistentemente tem progredido nos resultados do Pisa. Isso ajuda talvez a perceber, tendo tido governos mais de centro-direita, mais de centro-esquerda, que sempre houve uma preocupação grande e relativamente permanente com a questão da educação, e sobretudo com a questão da equidade em educação. Portugal também, segundo os dados da OCDE, é um dos países do mundo em que a origem social dos alunos tem menos impacto no desempenho acadêmico dos alunos. Isso para nós também é muito importante.

Amanda e Israel: Há uma proposta diferenciada em relação à configuração do atendimento nos diferentes níveis: educação infantil, ensino fundamental e médio?

David Rodrigues: Eu diria que sim, claro que sim. Não se pode trabalhar com os alunos do ensino médio da mesma maneira que se trabalha com os alunos do ensino fundamental. Há uma diferença, ainda que digamos que o modelo que se procura seguir em Portugal é um modelo relativamente estável, quer dizer, é um modelo em que os alunos com deficiências estão nas escolas onde são apoiados por professores de educação especial, e

os casos mais graves frequentam as Unidades que mencionei há pouco. Esse modelo funciona em toda a extensão do sistema educativo ainda que, no entanto, apresente respostas pontuais diferentes. Então o que eu teria a responder sobre a vossa pergunta é “sim”, há diferentes modelos de atendimento na educação infantil, no fundamental e no médio.

Amanda e Israel: Quais são as principais temáticas de pesquisa na área da educação especial em Portugal?

David Rodrigues: Antes, deixe-me dizer, integrado na formação de professores em Portugal – de todos os professores: é incluído um pequeno trabalho de investigação no final do curso, que ajuda no desenvolvimento da investigação. Eu diria também que há três temáticas mais importantes ao nível da pesquisa em educação especial em Portugal. Em primeiro lugar, a formação de professores. A formação de professores continua a ser uma área muito fértil em que se investiga por exemplo quais as atitudes e representações dos professores sobre múltiplos aspectos e em vários momentos (antes de entrarem no curso, durante o curso, depois de saírem do curso). Há ainda muita investigação sobre modelos e currículos de formação. O segundo tema seria a organização da sala de aula para a inclusão, isto é, como é que a escola, a sala de aula se organizam em termos de inclusão; qual a diferenciação do trabalho pedagógico, como é que se diferencia por exemplo da avaliação dos percursos e dos resultados. Tudo isso tem muito a ver com o terceiro aspecto, que é a realização de muitos estudos de caso. Deixe-me só precisar que em Portugal não existem escolas isoladas, todas as escolas têm aquilo que nós chamamos de “agrupamentos”, quero dizer, as escolas são todas agrupadas. Então imaginem que no Espírito Santo existe um conjunto de escolas, só que as escolas estão mais próximas geograficamente estão agrupadas e têm uma mesma gestão, que gere, três, quatro, às vezes cinco escolas. Isso é muito importante, porque permite que os recursos – materiais e humanos – possam circular entre o conjunto de escolas, e, sobretudo, proporciona condições para realizar estudos de caso muito diferenciados, dado que o “caso de um agrupamento” pode ser investigado transversalmente em vários ciclos de estudos. Portanto, eu diria que são esses três os aspectos mais relevantes: formação de professores, organização da escola para inclusão e estudos de casos dos agrupamentos para perceber como as escolas se organizam em práticas para a inclusão.

Amanda e Israel: Quais são as principais propostas metodológicas, procedimentos de coleta de dados pensados para as pesquisas de dissertação e tese voltadas para a educação especial?

David Rodrigues: Bom, essa é uma pergunta muito difícil porque não existem técnicas específicas de pesquisa em educação especial. Existem técnicas que são usadas em educação especial, mas que são basicamente técnicas que nós usamos nas ciências sociais e humanas e na educação. No entanto, o fato de nós termos amostras mais pequenas e mais heterogêneas leva-nos a ter mais cuidado no desenvolvimento dos estudos. Mas não há nada de novo nas metodologias de investigação. Claro que o fato de nós termos, muitas vezes, amostras mais pequenas leva-nos a fazer investigação mais próximos dos estudos de caso, mais próximas da investigação etnográfica, mais próximas da Grounded Theory por exemplo. Há várias metodologias mais habituais mas não por serem exclusivas da educação especial, mas por serem perspectivas que, digamos, estão mais adequadas a funcionar em pequenas amostras. Ao nível estatístico, utilizamos a estatística não paramétrica. É muito importante, no Brasil e em todos os países, fazer uma distinção entre opinião e realidade. Por exemplo: vamos perguntar aos professores qual é o nível de satisfação que eles têm com a educação especial no Espírito Santo. Encontramos uma amostra representativa por exemplo de professores, realizamos um questionário ou uma entrevista, e imaginem que a opinião de todos os entrevistados é que a inclusão não funciona. Então, poder-se-ia concluir que a educação especial no Estado do Espírito Santo é péssima. Ora, isto seria um enorme erro, porque o que nós concluimos é que na opinião dos professores a educação especial do estado do Espírito Santo, a educação inclusiva, é péssima. Por isso é muito importante epistemologicamente fazer a diferença entre o que é opinião das pessoas e o que é a realidade. Porque se confrontássemos, por exemplo, a opinião dos professores com outros participantes, certamente surgiriam outras opiniões.

Amanda e Israel: Quais são os principais expoentes teóricos adotados para sustentar esses trabalhos?

David Rodrigues: Eu penso que há uma questão muito importante para começar a fazer investigação neste campo, que é ler extensivamente toda a documentação da Unesco, da

OCDE e da OEI sobre este aspecto. A Unesco – por exemplo – publica desde o princípio da década de 1990 documentos importantíssimos sobre Educação Inclusiva, como a Declaração de Educação para Todos. Em termos de referências internacionais, sem dúvida que o Reino Unido tem muitos investigadores de qualidade interessados neste campo da educação inclusiva, Peter Mittler, Mel Ainscow, Lani Florian, enfim... Tanta gente interessante a escrever sobre educação inclusiva. Existem autores no Brasil que têm também publicado algumas coisas interessantes. Eu tenho livros publicados no Brasil. Tenho quatro livros publicados no Brasil sobre educação inclusiva, com a excelente colaboração de outros autores brasileiros. Mas eu gostava de chamar a atenção para a necessidade, como estudantes de doutoramento, de ler e rever revistas e não livros. Os livros não trazem, normalmente, nenhuma novidade, os livros são sínteses do conhecimento. Quando aparece o conhecimento fresco, moderno é nas revistas. Eu recomendo o *European Journal of Special Needs Education* (eu sou membro do conselho editorial dessa revista). É uma excelente revista editada na Inglaterra. Tem também a *Exceptional Children*, o *International Journal Inclusive Education*. É muito importante uma pessoa que se quer implicar num trabalho de investigação ler em inglês, sem dúvida. E tem que buscar artigos em inglês para ter acesso à literatura recente e sobretudo “em primeira mão”, sem ter que citar a citação da citação.

Diante da entrevista concedida pelo Prof. Dr. David Rodrigues, podemos constatar que a proposta de educação inclusiva em Portugal se aproxima com a do Brasil em alguns aspectos, o que pode se verificar, por exemplo, nos estudos de Camizão (2016)⁴ e Dias (2015)⁵, dentre outros. A entrevista mostra que a experiência portuguesa tem muito a contribuir para que possamos, cada vez mais, aprimorar as políticas e práticas da educação especial propostas no Brasil. Instiga-nos, também, a buscar sempre novas possibilidades de ações para que a educação especial em uma perspectiva inclusiva em curso no Brasil possa assegurar cada vez mais infinitas possibilidades de educação de qualidade para as pessoas com necessidades especiais causadas ou não por deficiência. Tudo isso demonstra que os estudos voltados para pessoas com deficiência são de suma importância para que

⁴ CAMIZÃO, A. C. **Conhecimentos, concepções e práticas de professores de educação especial: o modelo médico-psicológico ainda vigora?**, 2016. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2016.

⁵ DIAS, I. R. **O bebê com síndrome de Down: um estudo no Centro de Educação Infantil Criarte-Ufes**. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

se possa pensar em outras/novas possibilidades para a educação e inclusão das pessoas que hoje compõem o público da educação especial.

Como já foi comentado, o Prof. David Rodrigues possui um extenso e significativo percurso de atuação e produção acadêmica na área da educação inclusiva e, a seguir, apresentamos uma pequena parte de seu currículo.

O Prof. Dr. David Rodrigues é docente de Educação Especial, ingressou como docente na Universidade Técnica de Lisboa em 1980. Doutorou-se em 1987 com uma tese sobre crianças com Paralisia Cerebral e obteve o título de “Agregado” na mesma Universidade em 1999. Em 2016 cessou a carreira docente universitária como Professor Catedrático (UPt). Realizou um pós-doutoramento na *Virginia State University* (EUA).

Coordenou o Polo do Projeto Minerva da Universidade Técnica (1987/1993), - Tecnologias Digitais para alunos com deficiência. Na mesma Universidade coordenou o Mestrado em Educação Especial (1991-2009) e o Curso de Terapias Expressivas (1999), primeiros cursos com esta temática em universidades portuguesas. Desempenhou na Universidade vários cargos, entre os quais Diretor de Departamento, membro do Grupo de Planeamento Estratégico, Presidente do Conselho Pedagógico, Presidente da Assembleia de Representantes.

Lecionou como Professor Convidado em várias universidades portuguesas (Porto, Coimbra, Lisboa, Açores) e estrangeiras (KUL - Bélgica, UNICAMP, UEDESC, UNESP e UFES - Brasil) entre outras. Orientou diversas teses de Doutoramento e dissertações de Mestrado. Realizou, por convite, conferências em universidades estrangeiras e congressos internacionais, nomeadamente em Espanha, França, Reino Unido, Estados Unidos, Itália, Bulgária, Rússia, Lituânia, Brasil, Colômbia, México, Cabo Verde, Paquistão e EAU (Dubai e Abu Dabi). É conferencista convidado na *École Supérieure de l'Éducation Nationale* (França). Colaborou em iniciativas da UNESCO, da UNICEF e da *Handicap International* e representou Portugal em vários Projetos Europeus nomeadamente *Helios II* e *Tempus* (na Ucrânia, Lituânia e Rússia). Integrou o Grupo de Peritos sobre Inclusão Social junto do Conselho da Europa e foi vice-presidente para a Europa da Sociedade Internacional para Estudos da Criança.

É autor/organizador de 34 livros publicados em Portugal, Brasil, Espanha e Alemanha e publicou cerca de 100 artigos em revistas da especialidade. Pertence ao

Conselho Editorial de 8 revistas científicas de Portugal, Brasil, Espanha, França e Reino Unido.

Foi Embaixador Paralímpico (Pequim, 2008) e recebeu o Prêmio Internacional de Investigação “União Latina” (2007). Em 2017 foi galardoado com o *Distinguished International Leader Award* pelo *Council for Exceptional Children - DISES* (Estados Unidos) e, por este fato, recebeu um Voto de Congratulação unânime do Plenário da Assembleia da República (205/XIII).

É Presidente da Pró – Inclusão – Associação Nacional de Docentes de Educação Especial (membro da *European Network on Inclusive Education and Disability*), diretor da revista *Educação Inclusiva*, membro do Conselho Consultivo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e do Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Desde junho de 2015 é Conselheiro Nacional de Educação.

A seguir, são apresentados livros escritos ou organizados pelo professor.

RODRIGUES, D. **Educação Especial: Deficiência Motora – Antologia de textos.** Lisboa: ISEF, 1981.

_____. **Deficiência e Motricidade Terapêutica.** Lisboa: ISEF, 1984.

_____. **Novas Tecnologias na Educação Especial.** Lisboa: ISEF, 1987.

_____. **Métodos e Estratégias em Educação Especial – Antologia de Textos.** Lisboa: ISEF, 1986.

_____. **A Inovação em Educação Especial.** Lisboa: SPCE, 1995.

_____. **Atas do Congresso Iberoamericano de Informática na Educação.** Lisboa: DPGF, Ministério da Educação, 1994.

_____. **Escola e Integração na Europa – valores e Práticas.** Lisboa: SPCE, 1997.

_____. **School and Integration in Europe – values and practices.** Lisboa: SPCE, 1997.

_____. **École et Intégration en Europe: valeurs et pratiques.** Lisboa: SPCE, 1997.

_____. **The Role of Resource Centers in Supporting Integration in Education,** Lisboa: Helios II, s/d.

- _____. **Corpo Espaço e Movimento:** a representação espacial do corpo em crianças com paralisia cerebral. Lisboa: INIC, 1999.
- _____. **Educação e Diferença:** valores e práticas para uma Educação Inclusiva. Porto: Porto Editora, 2001.
- _____. **Theories of Social Exclusion.** Berlin: Peter Lang, 2003.
- _____. **Os lugares da Exclusão Social** – um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **Perspetivas sobre a Inclusão:** da Educação à Sociedade. Porto: Porto Editora, 2004.
- _____. **Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais.** Santa Maria; RS: Editora UFSM, 2005.
- _____. **Inclusão e Educação:** doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus, 2006.
- _____. **Atividade Motora Adaptada:** a alegria do Corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006.
- _____. **Educação Inclusiva:** Estamos a fazer progressos? (Org.). Lisboa: FEEI, 2006.
- _____. **Investigação em Educação Inclusiva,** vol. 1, (Org.). Lisboa: FEEI, 2006.
- _____. **Aprender Juntos para Aprender Melhor,** (Org.). Lisboa: FEEI, 2007.
- _____. **Investigação em Educação Inclusiva,** vol. 2, (Org.). Lisboa: FEEI, 2007.
- _____. **Percursos de Educação Inclusiva em Portugal:** dez estudos de caso. Lisboa: FEEI, 2008.
- _____. **Os valores e as atividades Corporais,** (Org.). São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **O Corpo que (Des) Conhecemos,** (Org.). Lisboa: FMH, 2008.
- _____. **Fundamentos de Educação Inclusiva.** Florianópolis: SESI, 2008.
- _____. **Educação Inclusiva:** Pessoas com deficiência Física e Motora. Florianópolis: SESI, 2008.
- _____. Homenagem a Vitor da Fonseca. **A Psicomotricidade.** nº 12, 2009.
- _____. **Educação Inclusiva:** dos conceitos às Práticas de Formação. Instituto Piaget: Lisboa, 2012.
- _____. **Equidade e Educação Inclusiva.** 2 ed. Porto: Profedições, 2015.

_____. **Tecnologías de la Información y Comunicación: TIC en Educación Especial.** Madrid: UAH - Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2014.

_____. **A Inclusão nas Escolas.** Lisboa: Fundação Francisco Lisboa; Manuel dos Santos, 2014.

_____. **Direitos Humanos e Inclusão.** Porto: Profedições, 2016.

_____. **Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Inclusão Escolar.** Vitória: EDUFES, 2017.